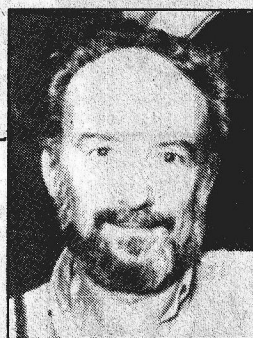


PRESIDENCIÁVEIS NA TV



Washington
Novaes

Os negros e a sucessão

Durante muitas noites, o candidato Antônio Pedreira foi o único a tratar — mal — a questão do negro no horário eleitoral gratuito. Repetiu à exaustão cenas de um encontro a que compareceu em Muriaé (MG) e no qual expôs sua lamentável oratória.

Finalmente, no último domingo, o candidato Ulysses Guimarães entrou no tema, um dos mais desprezados pela classe política brasileira, embora interesse indiretamente a pelo menos metade da população. E, por extensão, a cada brasileiro.

É dramático o quadro do negro brasileiro mostrado pelo candidato do PMDB. Embora tenha a segunda maior população negra da Terra (após a Nigéria), que engloba 43 por cento da nossa gente, o Brasil em geral faz de conta não só que não sabe disso, como também que não existe nenhum problema específico na área. E, no entanto, mostrou Ulysses que de cada 100 negros, 40 são analfabetos, enquanto entre os brancos a proporção é de 20 para 100. A taxa de desemprego entre os negros é o dobro do que se observa entre os brancos. O salário dos brancos é 78 por cento maior. Só um entre 100 negros chega à universidade. E assim por diante.

O candidato do PMDB mostrou a participação de seu partido na aprovação, pela Constituinte, do artigo que considera o racismo crime inafiançável: 305 dos 521 congressistas que votaram a favor eram do PMDB.

Mas foi o PDT que conseguiu tocar mais fundo o espectador com esse mesmo tema embora não apresentasse números, nem um quadro geral devastador como fora o do PMDB. É que desta vez o candidato Leonel Brizola deixou de considerar a si próprio como única informação importante para o espectador e abriu espaços para alguns depoimentos de pessoas que viveram e vivem na pele a questão do negro: Abdias Nascimento, Chica Xavier, Gilberto Gil, coronel Cerqueira (ex-comandante da Polí-

cia Militar do Rio de Janeiro na gestão Brizola).

Foi especialmente significativo o depoimento do coronel Cerqueira, porque entrou fundo na relação do negro com a pobreza e no preço que paga por isso. Disse o militar que, no seu tempo de comando, a Polícia deixou de identificar negros com a marginalidade; deixou de considerar a cor da pele como sinal de criminalidade. E isso foi um avanço gigantesco, a que ainda não se chegou na maior parte do Brasil. E que sequer se manteve no próprio Rio de Janeiro.

O coronel Cerqueira, aliás, é cidadão a quem o País deve muito, por seus esforços no sentido de um melhor relacionamento das corporações militares com a sociedade em geral. No sentido de que se ouçam, mutuamente, e se entendam melhor — principalmente na questão dos direitos humanos, tema que as corporações militares frequentemente confundem com subversão. Porque, isoladas, quase só se ouve os que pensam assim.

ATORES NA POLÍTICA

A esta altura, já cabe perguntar: será que realmente dá frutos a participação de atores numa campanha como esta? A presença cada vez mais rara deles poderia ser um indicio de que não (o programa do PSDB, do qual se falará adiante, é a exceção).

Entre os mais frequentes, Elizabeth Savalla tomou um chá de sumiço, há poucos dias reapareceu (quase sempre em quadros reprisados), invariavelmente com aqueles arrancos para respirar. Lima Duarte, sempre sobreatando, também sumiu, reapareceu, sem vencer da necessidade de estar ali. E assim tem sido mais ou menos com todos.

Leva a pensar que pode vir a tratar-se de um equívoco. Na campanha das "diretas-já", quando havia uma quase unanimidade nacional, era gratificante para o cidadão comum identificar-se com a fama e a glória, partilhar dela ainda que por momentos. Agora, com as posições divididas, a presença de ato-

res só teria sentido junto ao público já identificado com o candidato — quando o objetivo principal de uma campanha é ganhar os que ainda não se identificaram.

Um dos raros momentos em que a presença dos atores fez sentido foi na noite em que Lima Duarte e Regina Duarte colocaram, para os eleitores ainda indecisos, razões para votar em Mário Covas ainda no primeiro turno, sem se deixar seduzir pelo "voto útil". Fora daí, essa presença em certos momentos soa até presunçosa, com os atores investidos de uma suposta sabedoria que os autorize a aconselhar os mais ignorantes. Pode ser contraproducente, provocar resistências.

LEMBRETES

A moda que pegou entre todos os candidatos, de cantar o Hino Nacional de braços erguidos e mãos dadas com outros circunstantes do palanque, está repetitiva, cansativa, ineficaz. Tudo que se banaliza perde a força. Tal como a presença de atores, é marca da "diretas-já" que se perdeu no tempo.

Talvez entusiasmado com a reportagem do **Jornal do Brasil**, que comparou a campanha de Collor com um videoclipe, o PCB gastou quase todo o seu tempo na noite de segunda-feira com um videoclipe de seu candidato. Pareceu desperdício. Em compensação, Stepan Nercessian, nessa noite, produziu uma das frases mais engraçadas da campanha: "Nem **glasnot** é nome de remédio, nem a **perestroika** do Gorbachev é do tamanho que você está imaginando..."

Nessa mesma segunda-feira, Paulo Maluf parecia mais candidato a ministro dos Transportes que a presidente da República, com a demonstração de suas obras rodoviárias em São Paulo.

O candidato Ronaldo Caiado insiste em seu programa em que nunca foi político, nunca participou da política. Qualquer hora dessas, se ele chegar a representar algum risco, outro candidato vai espreme-lo contra a parede com a história política de sua família em Goiás.